

UM PASSEIO SOBRE A OBRA DE CHIMAMANDA ADICHIE

Profª Luciana Paula Da Silva De Oliveira¹

Adichie é uma escritora nigeriana reconhecida internacionalmente por seus romances de forte impacto cultural



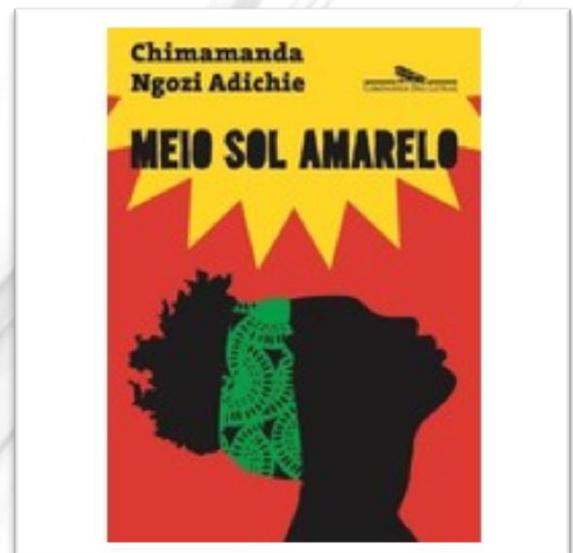
Chimamanda Adichie. Foto divulgação.

e racial. Seus três primeiros livros foram: Meio sol amarelo, Hibisco Roxo e Americanah. São ficções, mas facilmente poderiam não ser.

Em Meio sol amarelo a autora conta uma história de amor que tem como pano de fundo a guerra civil

que aconteceu na Nigéria. Uma parte deste país, pertencente a outra etnia, resolveu proclamar a independência e criar a nação Biafra. Como este espaço territorial era considerado economicamente importante para o governo nigeriano, acirrou-se a disputa interétnica que sempre esteve em pauta depois da colonização inglesa, que juntou grupos inimigos numa só colônia, e que permaneceram assim depois do processo de descolonização. Foi a gota d'água para que o ódio racial, de séculos, viesse à tona.

Dois jovens professores universitários nigerianos resolvem se casar. Ela havia passado alguns anos no exterior e havia perdido um pouco das tradições religiosas e místicas de seus conterrâneos. Voltando para casa bem ocidentalizada entra em conflito com os costumes da sogra e das outras mulheres com quem se relaciona.



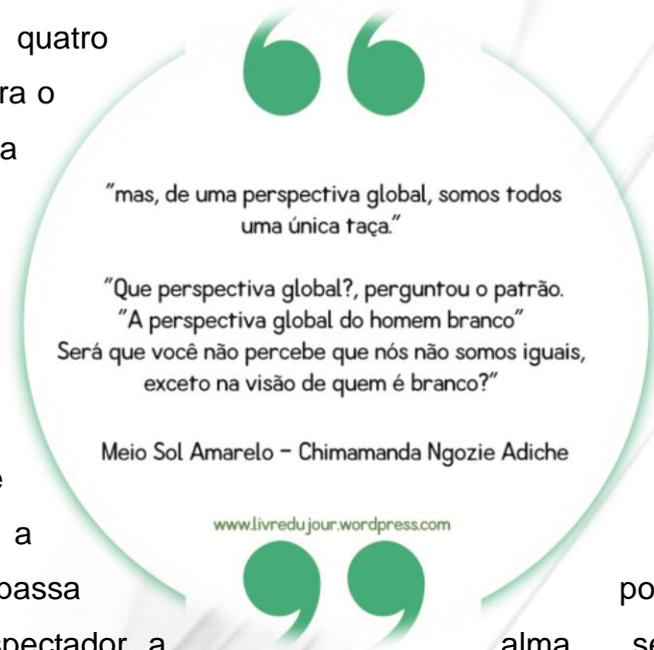
Muitos objetos, comportamentos, alimentos e assim por diante são considerados motivos para atrair o azar para a pessoa ou a família inteira.

¹ Professora de Sociologia do CEP

Enquanto Olanna representa simbolicamente a luta de Biafra pela liberdade, sua irmã gêmea Kainene, muito mais pragmática e disposta a participar dos lucros dos negócios que a guerra podia proporcionar, não representa a Nigéria, mas apenas a si própria, como uma boa capitalista deveria fazer.

Quando a guerra começa e os soldados nigerianos vão avançando sobre o território de Biafra, Olanna, seu marido, seu filho e seu empregado mais próximo fogem para pequenos vilarejos, e dali para outro e assim por diante. Num estado cada vez mais difícil para conseguir comida, abrigo, segurança e dignidade. Os trechos que descrevem a guerra, a morte, a covardia de um povo armado contra outro que só carregava sonhos, é de uma crueza difícil para digerir enquanto se lê. É preciso parar por um tempo, recuperar as forças para terminar a leitura da narrativa.

E cada vez que esses quatro personagens se dirigem mais para o interior do país, mais a cultura tradicional entra em choque com a ocidentalização de Olanna, ora de forma indignada, ora compreendendo a lógica daqueles costumes. São momentos delicadamente bonitos em meio ao caos e a violência da guerra. Ninguém passa genocídios sendo apenas um espectador, a parte irremediavelmente, mas a vida tem que continuar, e como fazer isso é o que Adiche nos faz pensar, como resgatar a humanidade dentro de cada um de nós.



"mas, de uma perspectiva global, somos todos uma única taça."

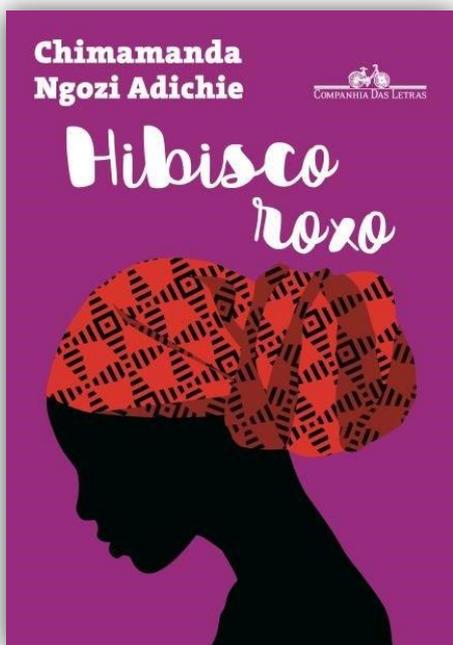
"Que perspectiva global?, perguntou o patrão.
"A perspectiva global do homem branco"
Será que você não percebe que nós não somos iguais, exceto na visão de quem é branco?"

Meio Sol Amarelo - Chimamanda Ngozie Adiche

www.livredujour.wordpress.com

Em Hibisco roxo Adiche retrata uma família nigeriana de classe média. O pai católico fervoroso, característica que simboliza a busca desesperada, de parte dos nigerianos, pelo embranquecimento cultural. Quanto mais se nega costumes locais, mais próximos da "verdadeira civilização". Por isso, no espaço público esse homem é a representação perfeita do que gostaria de ser. Dentro de casa, mostra-se extremamente violento com a esposa e seus filhos.

A mãe, muito submissa, procura incansavelmente ser perfeita em âmbitos contraditórios, para seu marido, para a Igreja e para os antigos costumes de seu povo. Todos participam do jogo de julgar cada pequeno comportamento. É como viver pisando em ovos, cada olhar, cada palavra fora do lugar pode gerar um espancamento pelo marido, uma “feitiçaria” de alguma mulher que cobiça seu lugar de esposa, uma penitência do padre.

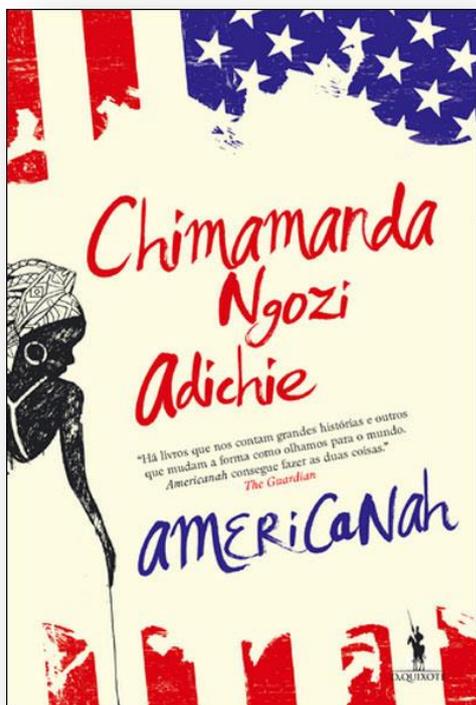


A violência simbólica é extremamente pesada, o leitor quase escuta o pai perguntando: “você tem certeza que não vai entrar?”, com aquele tom de voz que demonstra que o que está presente ali não é a indecisão dela, mas o poder da mão pesada do pai. E como isso é tocante para um mulher ler. Quantas vezes mulheres de todos os lugares do mundo, das mais variadas culturas e classes sociais cederam a essa pergunta? Nem todas eram vítimas de espancamento, mas o poder do marido e do homem está tão intrinsecamente marcado que o medo faz parte da “natureza” dessa relação.

Afinal, as meninas crescem vendo suas mães na função de apaziguadoras, aquela que ensina que com marido não vale a pena ganhar a discussão, mesmo com razão, baixa-se a cabeça e permite que o homem ache que está correto. Parece uma certa sabedoria compartilhada entre as mulheres, uma troca de olhar com a filha que percebe que a mãe tem razão, mas que por serem de certa forma dotadas de uma humildade celestial, protegem o frágil ego masculino.

Os filhos são criados numa rigidez absurda, a filha obedece não só pelo medo da violência física, mas pela necessidade em ser amada por esse pai. A vítima que se sente culpada por seus esforços não serem suficientes para garantir o amor paterno, será aquela, certamente, que como esposa reproduzirá o que viu a mãe fazer por uma vida inteira.

Em *Americanah* a autora conta a história de uma jovem nigeriana que vai fazer seu curso superior nos Estados Unidos. O livro vai muito além da mera narrativa das dificuldades enfrentadas por todos os imigrantes em terras estrangeiras, subempregos, solidão e o estranhamento cultural.



O processo de reconstrução da identidade negra, Nigeriana e africana é o elemento mais interessante desta obra. A personagem sai de seu país vendo-se de uma forma, da forma que todos seus conterrâneos veem-se. Aquilo parece natural. Mas, no confronto com o outro, nos EUA, ocorre um deslocamento identitário. Os americanos fazem uma imagem dos africanos que choca a personagem, e na sociedade, todos querem pertencer, fazer parte.

Ifemelu percorre todo um caminho de embranquecimento, decepção, superação e finalmente de reconstrução de si mesma, passando inclusive por uma relação amorosa interracial que demora a perceber os motivos pelos quais a mantem. A narrativa parece acontecer no mundo externo, nas relações sociais que se estabelecem, mas na realidade, tudo que é mais importante se passa dentro da personagem.

Referências Bibliográficas:

ADICHE, C. AMERICANAH. Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

ADICHE, C. HIBISCO ROXO. Companhia das Letras, São Paulo, 2011.

ADICHE, C. MEIO SOL AMARELO. Companhia das Letras, São Paulo, 2008.